

Los medios de lucha contra el crimen los agrupa en dos categorías fundamentales: preventivos e represivos. Las medidas preventivas, también llamadas de seguridad o sustitutivos penales, se aplican a los anormales, a los individuos que no han delinquido, o que delinquieron y cumplieron la pena, que representan un peligro para la sociedad.

Los medios represivos, conocidos por penas, se imponen a los que ejecutan o participan en los delitos cometidos, para corregirlos. No faltan escritores que consideran las medidas de seguridad y las penas como sanciones completamente distintas, y no es lógico incluirlas en una misma rúbrica. La noción de pena corresponde a un concepto antiguo y clásico de verdadero objetivo retribucionista por el cual evolucionó el *talión ennoblecido*, mientras que la medida de seguridad obedece a una creación nueva, impuesta por la necesidad social de eliminar o inutilizar a los criminales incorregibles y de enmendar a los susceptibles de ello.

Son los dos medios de lucha contra las infracciones, bien para remediar sus efectos perniciosos, bien para impedir su perpetración. En apariencia son hechos distintos, en esencia son lo mismo. La generalidad de los autores adoptan el principio dualista, publicándose dos Códigos: uno represivo y otro preventivo. En el primero están reglamentadas las viejas teorías de la imputabilidad y de la pena expiatoria. En el segundo, jurídicamente regulados, los estados peligrosos y las medidas de seguridad. Palma Carlos cita a Silvio Longhi, autor de uno ensayo *Per un codice della prevenzione criminale*, que más tarde colaboró en el proyecto de Código Preventivo italiano. La Argentina dictó una ley sobre el estado peligroso predelictual de 1928. La ley belga de defensa social, de 1930, y la española de vagos y maleantes, de 1933, completan el Código penal común, reglamentando minuciosamente las medidas de seguridad. Palma Carlos se inclina a refundir en uno solo Código de defensa social las medidas de seguridad con las medidas represivas para combatir la peligrosidad y la criminalidad. Su notable libro propugna la lucha, armónicamente dirigida con la mira puesta en un pensamiento de conjunto y en manera alguna incompatible con las características dispersas en leyes diferentes, y están mejor colocadas en el Código de defensa. A mantener su argumentación responden las 360 páginas del volumen, distribuidas en cuatro extensos capítulos: La infracción, El delincuente, Las sanciones y La ejecución de la reforma.

Prof. D. Mosquete

Manual da acção executiva

Pelo Dr. EURICO LOPES CARDOSO
— 2.^a edição — 1 vol., 651 páginas,
Livraria Gonçalves, Coimbra

Há certas obras cujo enunciado, de título e autor, torna desnecessária qualquer crítica, ou mesmo informação. Está neste caso o «Manual da acção exe-

cutiva», do Dr. Eurico Lopes Cardoso, agora publicado, numa cuidada edição da Livraria Gonçalves, de Coimbra.

O prestígio que o seu autor tem sabido conquistar entre os cultores das ciências jurídicas, junto ao grande interesse prático e à importância doutrinária da matéria versada, tornam este livro absolutamente imprescindível nas bibliotecas de direito. E se esta opinião carecesse de ser confirmada, sê-lo-ia pelo facto — infelizmente raro entre nós — de se tratar de uma segunda edição, o que por si revela o valor e utilidade de semelhante trabalho.

Esta nova edição é não só revista e actualizada, mas largamente aumentada, contendo tudo quanto a doutrina e a jurisprudência têm acrescentado ao assunto.

Por uma questão de método, e para facilitar a consulta, a matéria é exposta em comentário aos artigos referentes do Código de Processo Civil, sendo ainda completada com um índice extremamente completo e minucioso.

Em resumo: o Sr. Dr. Eurico Lopes Cardoso não só cumpriu, mas ainda excedeu, o programa que a si próprio traçara no prólogo da primeira edição da sua obra, ao dizer: «*Não é um livro de polémica nem de crítica — é um livro de trabalho que pretende ser esta coisa modesta mas difícil — um manual*».

A. P. C.

Anuário de Derecho Civil

Editado pelo *Instituto Nacional de Estudos Jurídicos de Espanha*: Tomo I, fascículo I,
Janeiro-Março, 1948
— 407 páginas

Esta obra, paradoxalmente, não é o que nós chamamos propriamente um anuário, quer dizer, o relato do que sobre determinada matéria se passou e publicou durante um ano. É, sim, uma revista trimestral, destinada a ser instrumento na tarefa da defesa jurídica da pessoa e da família, e além disso com a esperança de contribuir, tanto quanto possível, para a renovação da técnica e da ciência do direito civil.

Contém este número estudos monográficos e legislativos, notícias sobre a vida jurídica, bibliografia espanhola e estrangeira, notas sobre revistas jurídicas e, ainda, secções de jurisprudência.

Isto bastaria para mostrar o valor desta publicação, se a simples menção do alto organismo que por ela é responsável não tornasse inútil e supérflua qualquer recomendação.

Fazemos votos pela sua prosperidade, formulando o desejo de que ela sirva para estreitar o naturalmente indicado intercâmbio jurídico entre Portugal e a Espanha, intercâmbio que, como já temos lamentado mais de uma vez, tem pouco interesse parece despertar nos juristas dos dois países.

A. P. C.